

**YOUTUBE COMO PROPAGADOR DE OUTRAS TELAS:
A VISIBILIDADE LGBT NO JORNAL MINAS¹**

**YOUTUBE AS A PROPAGATOR FOR OTHER SCREENS:
THE LGBT VISIBILITY IN THE NEWS REPORT JORNAL MINAS**

Eduardo Moreira²
Gustavo Teixeira³
Iluska Coutinho⁴

Resumo

O principal objetivo deste trabalho é compreender como a Rede Minas, emissora de televisão pública com sede em Belo Horizonte, Minas Gerais, constrói, ao longo de uma série de reportagens especiais, uma narrativa com a temática LGBT levada ao ar em seu principal telejornal e como a emissora dá espaço para que esse público possa ter voz. Utilizando a Análise da Materialidade Audiovisual como principal ferramenta de análise, buscamos compreender as principais características dessas reportagens — disponibilizadas no canal da emissora no YouTube — e que elementos são utilizados para que essa parcela da população possa ter visibilidade.

Palavras-chave: YouTube. Diversidade. Rede Minas. Análise da Materialidade Audiovisual.

Abstract

The main aim of this paper is to understand how Rede Minas, a public television broadcaster based in Belo Horizonte, Minas Gerais, builds a series of special reports about the LGBT community in its main television news report. We also seek to comprehend how the broadcaster gives space for this audience to have a voice. Using the Analysis of Audiovisual Materiality as the our analysis tool, we seek to understand the main characteristics of these reports — posted on Rede Minas's YouTube channel – and which elements are used so the LGBT people can have visibility.

Keywords: YouTube. Diversity. Rede Minas. Audiovisual Materiality Analysis.

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Redes de Comunicação, do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

²Jornalista. Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCom-UFJF). E-mail: eduardo.mestradoufjf@gmail.com.

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCom-UFJF). E-mail: gustavo_tfp@yahoo.com.br.

⁴ Jornalista, mestre e doutora em Comunicação, professora da UFJF. Desenvolve pesquisa sobre Pluralismo e Diversidade no Telejornalismo com apoio do CNPq e Fapemig. Coordenadora do NJA (Núcleo de Jornalismo e Audiovisual) e da TELEJOR, Rede de Pesquisadores em Telejornalismo. Bolsista PQ2. E-mail: iluskac@globo.com.

Introdução

O surgimento da Internet teve impacto em diversas etapas do processo comunicacional, fazendo com que não apenas o modo como os indivíduos consumiam os conteúdos oferecidos pelos meios de comunicação ao longo dos anos fossem afetados, mas também proporcionou a eles a oportunidade de produzir seus próprios conteúdos e encontrarem na rede mundial de computadores um espaço para a divulgação desses materiais. Embora sites com conteúdo opinativo já existissem — como aqueles mantidos por veículos de comunicação já consagrados ou mesmo blogs pessoais sustentados por profissionais reconhecidos —, esse cenário se ampliou a partir de 2005, quando dois ex-funcionários do site de comércio online Paypal criam o YouTube, site cuja proposta inicial era a de ser um repositório de vídeos caseiros e com ferramentas que facilitassem a seus usuários o compartilhamento de suas produções (BURGESS; GREEN, 2009, p.17).

Ao longo dos anos, esses usuários, que se comprometeram a produzir regularmente para a plataforma, passaram a ser conhecidos como YouTubers — termo que, diante de sua grande popularização, foi incorporado, em 2016, ao Dicionário Oxford5, que é o registro oficial do idioma inglês. Desta forma, eles passaram a atuar não só como produtores de conteúdo; tornaram-se também influenciadores ao comentarem assuntos da atualidade, emitir opiniões ou compartilhar experiências pessoais com a finalidade de se aproximarem de seus públicos.

Esta última modalidade, inclusive, tem sido uma vertente adotada por diversos desses usuários, que utilizam o audiovisual para compartilhar experiências e dividir momentos íntimos com seus seguidores. Diversos exemplos são encontrados em canais com temática LGBT, uma vez que, diante da baixa representação encontrada na grande mídia, os usuários criam seus canais no YouTube para debaterem assuntos que julgam pertinentes — questões de gênero ou legislação aplicada às demandas dessa parcela da população, como a retificação do registro feito na Certidão de Nascimento.

⁵ Disponível em <<https://olhardigital.com.br/noticia/a-palavra-youtuber-entra-para-o-dicionario/64967>>. Acesso: 12 jun. 2018.

Dois dos mais famosos, no Brasil, são o Canal das Bee⁶ e o Põe na Roda⁷, com mais de 350 mil e 840 mil inscritos, respectivamente, os quais publicam vídeos com conteúdo de humor, mas, principalmente, sobre inclusão, diversidade e particularidades desse universo.

Cada um à sua maneira, o que se percebe é que a facilidade de gravação e publicação de conteúdo audiovisual no YouTube — sobretudo para a população jovem — tem possibilitado que os cidadãos possam expor suas opiniões e visões de mundo de uma forma que antes somente os grandes meios seriam capazes. Ainda que o acesso a essas tecnologias de produção e as competências necessárias para a criação desses materiais ainda não sejam amplamente facilitados, como já mencionamos, a pluralidade de vozes que se observa é de grande relevância quando pensamos em uma comunicação mais democrática e múltipla, que se reinventa não apenas quanto aos novos agentes, mas, acima de tudo, que inova nas formas de narrar.

Além dessa vertente, a de usuários que utiliza o YouTube como meio de divulgação, existe também o movimento contrário, o de veículos que surgiram no mundo analógico e que veem nas possibilidades do audiovisual na Internet novas perspectivas de telas para apresentar novas histórias — e se aproveitam delas para ampliarem seu público, muitas vezes produzindo conteúdo específico para as redes, como foi o caso do canal de humor Porta dos Fundos⁸, que atualmente figura entre os 10 canais com o maior número de inscritos no Brasil, mas que já esteve no topo da lista por um bom tempo, antes de ser ultrapassado pelo piauiense Whindersson Nunes.

Com 14,9 milhões de inscritos⁹, o canal Porta dos Fundos, criado em 2012, nasceu apostando na criação de cenas curtas de humor, ainda que tenham sido feitas tentativas de vídeos longos, nos moldes de uma atração ancorada por um apresentador — projeto que foi deixado de lado depois de algumas edições. Ao longo dos pouco mais de seis anos de existência, parte do elenco foi se modificando e conquistando outras oportunidades — como Fábio Porchat, que desde 2016 apresenta um *talk show* na RecordTV —, mas sem abandonar o projeto para a Internet, publicando três vídeos inéditos por semana: às segundas, quintas e sábados, às 11h¹⁰.

⁶ Disponível em <<https://www.youtube.com/user/CanalDasBee>>. Acesso: 15 out. 2018.

⁷ Disponível em <<https://www.youtube.com/user/canalpoenaroda>>. Acesso: 15 out. 2018.

⁸ Disponível em <<https://www.youtube.com/user/portadosfundos>>. Acesso: 15 out. 2018.

⁹ Dados coletados em 15 de outubro de 2018.

¹⁰ Dados coletados em 15 de outubro de 2018.

Entretanto, ainda que reconheçamos as influências e relevância que esses tipos de produtores exercem sobre o público, em função de apresentarem uma quantia extremamente significativa de seguidores, nossa proposta é outra. Embora tenhamos como local de análise o canal de uma emissora de televisão que esteja presente no YouTube e que publique na Internet seu material produzido, nossa intenção é compreender como a narrativa construída por ela e exibida, originalmente, na TV, apresenta o universo LGBT em suas reportagens especiais. Desta forma, levantamos como a Rede Minas, rede de televisão brasileira de caráter público e com sede em Belo Horizonte, Minas Gerais, abordou a diversidade sexual e de gênero em seu principal telejornal, o “Jornal Minas”, em edições veiculadas entre os dias 11 e 15 de junho.

A Rede Minas

Fundada em oito de dezembro de 1984 na gestão de Tancredo Neves, governador de Minas Gerais na época, a Rede Minas é uma rede de televisão aberta pública e educativa com sede em Belo Horizonte, Minas Gerais. De acordo com seu próprio site, em uma matéria publicada em 2014 em função das comemorações de seus 30 anos¹¹, a Rede Minas teria a função de “contribuir para o desenvolvimento intelectual, social e econômico de Minas Gerais, promovendo seus valores e o intercâmbio com outros agentes de educação e cultura, por meio da produção e veiculação de programas de televisão de interesse público” (REDE MINAS, 2014).

Durante o levantamento de dados para a produção desta pesquisa notou-se que a seção “Institucional” do site oficial da emissora é pouco atualizado, na qual encontram-se algumas reportagens relacionadas à instituição, sendo a mais recente do dia 08 de março de 2018 em comemoração ao Dia Internacional da Mulher — logo abaixo desta há outra, com data de 16 de março de 2016, na qual são citados novos programas estreantes da grade.

Por meio de seu site é possível acompanhar a programação — composta por produções próprias e outras a partir de parcerias, como a exemplo de algumas realizadas em conjunto com a TV Brasil outra emissora pública — ao vivo¹², 24 horas por dia.

¹¹ Disponível em <<http://redeminas.tv/rede-minas-comemora-30-anos>>. Acesso: 20 out. 2018.

¹² Disponível em <<http://redeminas.tv/ao-vivo>>. Acesso: 20 out. 2018.

Ainda que parte de seu site oficial contenha páginas incompletas ou sem conteúdo, com a seção “Institucional”, grande parte de seu conteúdo produzido acaba sendo publicizada nos canais da emissora na Internet, como sua página no Facebook e canal no YouTube, no qual são publicadas reportagens de telejornais e até alguns programas completos — e, por meio do qual tivemos acesso à série de reportagens especiais sobre junho como sendo o mês da diversidade sexual.

Em meio a esse cenário, ficamos instigados a compreender como essa narrativa foi construída e como ela é apresentada ao público. Adiante, explicitaremos os resultados apurados; porém, de início, apresentaremos a metodologia utilizada neste estudo.

A Análise da Materialidade Audiovisual como uma nova proposta de avaliação

Pensar o audiovisual como objeto de análise requer um método que consiga retirar da melhor forma suas características principais, indo além de sua conversão no suporte textual. Ainda que, ao descrevermos uma cena, consigamos expressar os mínimos detalhes que surgem na tela, há muitos outros elementos que acabam não sendo mencionados na avaliação.

É nessa perspectiva que optamos por adotar como principal forma de avaliação neste trabalho a Análise da Materialidade Audiovisual, método inicialmente proposto por Coutinho (2016) para pensar uma nova forma de analisar o telejornalismo, que aponta que

[...] diferente do processo de produção e experimentação no telejornalismo, nessas narrativas que se tecem sobre ele, sons e imagens são apresentados em sequência, ao longo de frases e eventualmente parágrafos que buscam reconstruir/ narrar uma simultaneidade que é articulada no quadro/ frame no jornalismo audiovisual e seus espaços-tempos, agora objetos de análises. Esse(s) momento(s) não pode(m) ser recompostos na narrativa científica, tal como a conhecemos. Seria essa "tradução" uma "traição" ao texto televisivo? [...] (COUTINHO, 2016, p.10).

A autora propõe, então, a Análise da Materialidade Audiovisual como alternativa aos antigos métodos, uma vez que nele é considerado o objeto analisado como “a unidade texto+som+imagem+tempo+edição”. Essa metodologia quali-quantitativa contém diferentes procedimentos a serem seguidos com a finalidade de não apenas analisar o material audiovisual individualmente, mas, principalmente, relacioná-lo a outros elementos com os quais dialoga.

Esse método vem sendo utilizado nas pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (CNPq - UFJF) e está ancorado em quatro eixos, que podem se

adaptar às mais diversas questões de pesquisa ou objetos empíricos, por meio dos quais busca-se verificar: a existência de pluralidade de vozes, diversidade de temas, autonomia editorial e a narrativa audiovisual (COUTINHO; GOUVÊA, 2015)

Após identificar o objeto a ser analisado, são estabelecidos critérios de avaliação condizentes com a proposta da pesquisa, o referencial teórico e também o paratexto — em um canal do YouTube, por exemplo, pode-se incluir a seção “sobre”, na qual é colocada a promessa de conteúdos abordados naquele espaço, reação e comentários feitos por outros usuários logo abaixo da página de cada vídeo que dialoguem com a narrativa apresentada ou a inclusão de outros canais de comunicação com o produtor, como *links* para redes sociais (COUTINHO, 2016, p.10).

Ainda que pensado inicialmente para o telejornalismo, esse é um método que se mostra eficaz na análise de diversos materiais por não haver uma dissociação do conteúdo e relação ao meio em que ele é exibido e por ser criado, no processo de estabelecimento dos critérios de avaliação, uma

[...] moldura da avaliação/análise a ser empreendida, já que permitiriam ao estudioso e mesmo aos leitores das narrativas resultantes de sua pesquisa, compartilharem uma espécie de contrato tácito, que poderia ser associado ao contrato de leitura conceituado por Eliseo Verón (2004) ou mesmo ao modelo da promessa audiovisual, descrito por François Jost (2007) [...] (COUTINHO, 2016, p.11).

Tomando como base a narrativa, busca-se uma análise que leve em consideração o contexto comunicacional no qual o audiovisual está inserido, a materialidade do produto, os objetivos dos participantes do ato comunicativo o contexto sociocultural e o espaço temporal citado (COUTINHO; GOUVÊA, 2015). Na análise de vídeos, este método se mostra eficaz não apenas para a análise dos arquivos em si, mas, principalmente, de outros elementos que compõem a narrativa, como os temas abordados, os personagens e os espaços e tempos exibidos nas cenas.

O mês da Diversidade Sexual apresentado pelo Jornal Minas

Com a proposta de marcar, junto a seu público, junho como o mês da Diversidade Sexual e de Gênero, a Rede Minas apresentou, em sua programação, conteúdos especiais a partir dessa temática. Ao longo dos diferentes programas, foram trazidas questões relacionadas às esferas do trabalho, cultura, educação e comunicação, com a proposta de

apresenta-las a partir do ponto de vista da população LGBT. Para isso foi criada a campanha “Iguais na diversidade”¹³, em parceria com as ONGs Cellos¹⁴ (Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais) e Transvest¹⁵, ambas de Belo Horizonte.

Além dessas inserções, durante a semana entre os dias 11 e 15 de junho de 2018 foram exibidas no Jornal Minas, principal telejornal da emissora, reportagens especiais sobre diversos aspectos da comunidade LGBT, distribuídas entre as duas edições diárias do telejornal — que vai ao ar de segunda a sexta-feira às 12h30min e às 19h.

A primeira discussão da série, exibida no Jornal Minas 1ª Edição do dia 11 de junho, sob a apresentação de Ruth Soares, intitulada “EMPREGO E RENDA: PESSOAS TRANS NO MERCADO DE TRABALHO – Jornal Minas”¹⁶, já aborda uma questão delicada até mesmo dentro da comunidade LGBT: as possibilidades de trabalho para pessoas trans e travestis e como fugir do estereótipo que muitas vezes ronda essas pessoas.

Imagem 01: Imagem de capa do vídeo “EMPREGO E RENDA: PESSOAS TRANS NO MERCADO DE TRABALHO - Jornal Minas”



Fonte: Canal “Jornal Minas” – YouTube (2018)

A inserção é feita por meio de um entrevista ao vivo no estúdio com o psicólogo Fernando Rocha e integrada ao quadro fixo do telejornal “Emprego & Renda” e traz levantamentos do entrevistado acerca da necessidade de suspensão dos preconceitos que

¹³ Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?list=PLiyVG7yUIUjOyv8AzCbVK_AGCgAozUpYf&v=6mChH431Vxw>. Acesso em: 15 set. 2018.

¹⁴ Disponível em <<http://cellos-mg.blogspot.com/>>. Acesso: 20 set. 2018.

¹⁵ Disponível em <<http://transvest.org>>. Acesso: 20 set. 2018.

¹⁶ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=X8qZzKbPYK4>>. Acesso: 01 out. 2018.

possam atrapalhar a contratação de pessoas trans pelos empregadores. Além disso, Fernando aponta a necessidade da representatividade por parte dos próprios LGBTs ao se colocarem diante de eventuais situações preconceituosas no ambiente profissional.

Os direitos LGBTs foram o tema da segunda inserção da série, exibida em 12/06/2018, também por meio de uma entrevista ao vivo feita no Jornal Minas 1ª Edição¹⁷. A entrevistada, a advogada Adriana do Valle, discute a importância de algumas conquistas dessa parcela da população, como o reconhecimento da união estável e o direito ao casamento civil. Entretanto, como colocado pela jornalista Ruth Soares, o principal tópico da conversa gira em torno do fato de a maioria das conquistas dos LGBTs terem origem em decisões judiciais, uma vez que ainda não existe um aporte legal que sustente todos os direitos.

Imagem 02: Imagem de capa do vídeo “DIREITO DO CIDADÃO: DIREITOS DAS PESSOAS LGBT’s - Jornal Minas”



Fonte: Canal “Jornal Minas” – YouTube (2018)

Embora a rede Minas esteja promovendo essa discussão de temas ligados ao gênero e sexualidade e tenha dado destaque às matérias produzidas, é interessante observar, de acordo com as premissas da Análise da Materialidade Audiovisual, que não houve a criação de elementos que pudessem identificar o destaque oferecido pela série, como vinhetas comemorativas ou tarjas de caracteres, sendo utilizadas, como nesta entrevista e na anterior,

¹⁷ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Palx1zx4avg>>. Acesso: 01 out. 2018.

as vinhetas usadas originalmente para os quadros nos quais as conversas estão sendo incluídas.

Outro fato interessante é o convite feito ao telespectador a interagir com as discussões por meio do WhatsApp. Embora a tarja com o número telefônico do telejornal tenha certo destaque de exibição, não há qualquer menção de perguntas enviadas pelo público por meio de mensagem ou algum tipo de retorno sobre como o recurso seria utilizado.

O tempo destinado à realização das entrevistas também é outro eixo a ser analisado. Embora a atitude da Rede Minas de dar espaço à abordagem de temas ligados ao universo LGBT seja positiva — visto que campanhas em vídeo foram produzidas e diversos outros programas da grade adotaram o tema —, o tempo destinado às conversas não é suficiente.

Nessas duas primeiras entrevistas foram separados cerca de quatro minutos e trinta segundos para as entrevistas em estúdio, um tempo que, embora considerável dentro da rotina televisiva, na prática se mostra insuficiente, considerando o tempo de formulação de perguntas e a contextualização do tema para ao telespectador.

Na entrevista também é citada a dificuldade de trabalho e direitos sociais para as pessoas trans, como adoção do nome social nos documentos e a violência muitas vezes cometida contra essa parcela da população, ponto com o qual se encerra a participação da advogada no telejornal.

Pela primeira vez o Jornal Minas 2ª Edição surge como local para a exibição de um material da série, no dia 13 de junho, dentro de um quadro chamado “Pensa Bem”. A diferenciação entre orientação sexual e identidade de gênero foi o tema escolhido para a construção de uma reportagem ¹⁸que, ao longo de seus pouco mais de cinco minutos de duração, apresenta o paralelo entre uma personagem que se descobre mulher trans, um homem intersexual e um psicólogo que, como fonte especializada, apresenta sua visão acerca das diferentes nuances de sexualidade que são discutidas atualmente.

¹⁸ Disponível em <https://youtu.be/xxn6TQSWu_M>. Acesso: 01 out. 2018.

Imagem 03: Imagem de capa do vídeo “DIFERENÇA ENTRE ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO - Jornal Minas”



Fonte: Canal “Jornal Minas” – YouTube (2018)

Conduzida pela repórter Laura Schaber, a reportagem tem como principal eixo contar as histórias de vida de duas pessoas que, ao longo do tempo, passaram a não se identificar com o gênero ao qual foram designadas ao nascer — Rhany, uma mulher trans, e João, que hoje se identifica como intersexual. Diferentemente do que fora exibido nos dois dias anteriores pelo Jornal Minas, nesta reportagem estão presentes outros elementos que dão dinamismo e ajudam na construção da narrativa proposta pela emissora, como trilha sonora em alguns momentos, texto em *off*¹⁹ e a contraposição entre as opiniões dos personagens e o aporte técnico-teórico do psicólogo consultado, que aponta, dentre outras coisas, para a necessidade do movimento da despatologização da identidade trans²⁰.

Retornando ao Jornal Minas 1ª Edição, no dia 14 de junho foi exibida, dentro de um quadro sobre moda, uma reportagem sobre a relação entre a identidade LGBT e a moda²¹. Na chamada, a apresentadora indica que o eixo da narrativa seria a partir do ato político no qual o simples vestir de uma peça de roupa pode acabar se transformando.

¹⁹ Forma reduzida de *off the records* [...]. Na TV, voz em *off* é o comentário em que o repórter não é focalizado pela câmera. (JORGE, 2008, p.228).

²⁰ Para mais informações, consultar < <http://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/10/entenda-luta-pela-despatologizacao-das-identidades-trans>>. Acesso: 16 out. 2018.

²¹ Disponível em <<https://youtu.be/gr8X9-TePRk>>. Acesso: 16 out. 2018.

Imagem 04: Imagem de capa do vídeo “MODA: IDENTIDADE LGBT - Jornal Minas”



Fonte: Canal “Jornal Minas” – YouTube (2018)

Utilizando o gênero com principal elemento para a manifestação no vestuário, logo de início é entrevistada uma pessoa trans não-binária que utiliza a moda agênera como principal forma de manifestação de sua identidade. Juntamente, como fonte especializada, é consultada uma profissional — não creditada na reportagem — que faz a ligação entre o ato comunicacional e a expressão de gênero e personalidade por meio da moda. Por meio de um resgate histórico no qual são levantadas personalidades que utilizaram o gênero como forma de expressão em seu vestuário, como o cantor David Bowie e o rei francês Luís XIV, a narrativa construída culmina em uma fala da personagem retratada que dialoga com uma discussão atual: a da utilização de variadas peças na construção de uma aparência em a preocupação de que seriam peças “de menino” ou “de menina”.

A edição dos materiais disponibilizados pelo canal da rede Minas não nos permite observar se, após a exibição dessas reportagens, é feito algum tipo de comentário por parte das apresentadoras, o que seria interessante, uma vez que o método de avaliação da Análise da Materialidade Audiovisual utiliza também o paratexto — elementos que não estão contidos na narrativa principal, mas que fazem parte dela — como sujeitos de análise, como eventuais comentários ou dados complementares.

Por fim, foi exibida, no Jornal Minas 2ª Edição do dia 15 de junho de 2018, uma reportagem²² sobre o projeto “Mães pela Diversidade”, que promove, por meio das redes sociais, a troca de experiências entre mães que muitas vezes não sabem lidar com seus filhos LGBTs. A principal personagem desta reportagem é Myriam Salum, coordenadora do projeto, que se envolveu nas atividades após a revelação da homossexualidade do filho.

Imagem 05: Imagem de capa do vídeo “PROJETO APOIA MÃES NA LUTA CONTRA A HOMOFOBIA - Jornal Minas”



Fonte: Canal “Jornal Minas” – YouTube (2018)

Ao contrário do ocorrido nas reportagens exibidas anteriormente, nesta não há a utilização de uma fonte especializada; desta vez a própria Myriam conta sua história, que é utilizada como fio condutor para a construção da narrativa telejornalística. Embora haja informações complementares adicionadas pela repórter em *off*, é o relato de Myriam a principal fonte de informação, intercalada com algumas falas de seu filho.

De maneira geral ela conta sua trajetória enquanto mãe militante e reforça a necessidade de apoio que muitas vezes os LGBTs sentem falta dentro de casa. Ela ainda reforça, em sua fala, o ato político do qual passou a fazer parte ao integrar o grupo “Mães pela Diversidade”.

²² Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=1bpOUqC2eKo>>. Acesso: 02 out. 2018.

Considerações finais

Como dito anteriormente, o modo como as reportagens são editadas não nos permite verificar que outros elementos poderiam fazer parte dessa série. Elementos como notas pé após a exibição das matérias, alguma reação por parte das apresentadoras ou até mesmo informações que complementassem o conteúdo da série acabam por limitar nossa visão do que fora produzido.

No entanto, a partir do que foi disponibilizado pela Rede Minas em seu canal do YouTube, observamos e reconhecemos a iniciativa de produzir conteúdo sobre uma temática que poucas vezes ganha notoriedade em emissoras de televisão abertas, sendo, em grande maioria, discutida individualmente na Internet — sobretudo no YouTube, que permite que usuários possam, com poucas ferramentas, produzir seus próprios materiais e compartilhá-los para as mais diversas pessoas.

É importante salientar, também, a relevância da discussão de temas ligados ao universo LGBT quando observamos as premissas às quais estão submetidas as emissoras de caráter público, como a Rede Minas, as quais se comprometem, de acordo com a legislação do setor, produzir conteúdo que atenda as esferas da diversidade e pluralidade, o que, muitas vezes, não é o que acaba sendo cumprido.

Em suma, ainda que de forma tímida ou em certos momentos breve, como foi o caso das duas entrevistas ao vivo levantadas por nós, endossamos a importância de discussão de tais temas para uma melhor inclusão e, certamente, democratização da comunicação.

Referências

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Tradução de Ricardo Giasseti. São Paulo, SP: Aleph, 2009.

COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo, SP. **Anais eletrônicos...** São Paulo, USP, 2016. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

_____; GOUVÊA, Allan. Narrativas internacionais nas emissoras de TV públicas: o distante tornado próximo nos noticiários noturnos da TV Brasil e da RTP1. In: Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro, RJ. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro,

UFRJ, 2015. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2869-1.pdf>>. Acesso: 21 jul. 2018.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do foca:** guia de sobrevivência para jornalistas. São Paulo: Contexto, 2008.

MANUAL DE JORNALISMO DA EBC. Disponível em <http://www.ebc.com.br/sites/default/files/manual_de_jornalismo_ebc.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

REDE MINAS. Site oficial. Disponível em: <<http://redeminas.tv/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.